

# Jardins de Conimbriga: arquitectura e gestão hidráulica

Maria Pilar REIS<sup>1</sup> - Virgílio Hipólito CORREIA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> *Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia*

<sup>2</sup> *Museu Monográfico de Conimbriga*

## Resumen

En la ciudad romana de Conimbriga (Condeixa, Portugal) contabilizamos cinco *domus* adornadas con jardines entre los cuales se destacan los presentes en la Casa dos Repuxos y en la Casa de Cantaber, cuyos numerosos *viridaria* integran la arquitectura doméstica, en ambos casos, complementados con la presencia de un *hortus*, exterior, máximo exponente del jardín romano. Las restantes tres *domus* de la ciudad, de plano menos sofisticado, donde el jardín marca presencia (Casa da Cruz Suástica, Casa dos Esqueletos y Casa de Tancinus), este se integra en el centro del peristilo asociado a espejos de agua que completan su arquitectura. En ambiente público el significativo jardín de la palestra de las Termas Sul resplandece como lenguaje evidente de su importancia como zona pública. Integrar estos numerosos vestigios en la red urbana y su íntima relación con la evolución de la trama hidráulica de la ciudad es imprescindible para entender su capacidad de dotar, tanto al espacio privado como al público, de ambientes de gran opulencia.

## Introdução

O jardim urbano é uma realidade do mundo romano de tal forma importante que envolve todo o império, inclusive províncias tão distantes no plano cultural como a Lusitânia. Mas se nessa distância escolhermos ainda uma cidade mais marginal no mapa do império, será com assombro que reconhecemos em Conimbriga um caso paradigmático, no que diz respeito aos seus jardins.

Nas cidades romanas, os espaços verdes, construídos ou isolados pelo homem, assumem importância vital, não só nos ambientes públicos, como termas, teatros e templos, mas sobretudo na esfera privada, onde adoptam um papel fulcral na caracterização social do seu proprietário, demonstração pública do seu poder, sem desvalorizar a sua função prática e cultural, dualidade que acompanha o homem romano, nessa procura e construção constante da *amoenitas*.

Na cidade romana de Conimbriga (Condeixa, Portugal) contabilizamos duas *domus* (Casa dos Repuxos e Casa de Cantaber), nas quais os numerosos *viridaria* integram a arquitectura doméstica, complementados em ambos os casos pela presença de um *hortus*, exterior, expoente máximo do jardim romano. Em três outras *domus*, de planta menos sofisticada, observamos a utilização de

*viridaria* interiores, sempre localizados no centro do peristilo (Casa da Cruz Suástica, Casa dos Esqueletos e Casa de Tancinus). Contamos com apenas um jardim, que poderemos classificar como público nas Termas Sul (fase trajânica), não se registando qualquer evidência de áreas ajardinadas associadas ao anfiteatro nem ao *forum* e templo da cidade, ressalvando contudo, que o conhecimento sobre o anfiteatro de Conimbriga é, sobretudo, parcelar, e que não está ainda identificado um teatro onde se pudesse situar um *porticus postscaenum* ajardinado.

## Os Jardins

### *Casa dos Repuxos*

A Casa dos Repuxos situa-se a Norte da porta principal da muralha baixo imperial. A *domus* ocupa uma área de planta trapezoidal definida a Sul por uma das principais vias de acesso à cidade, a Via Decumana; pouco claro é o seu limite oriental e setentrional. A Norte desenha-se um suave vale, escavado por uma linha de água, hoje em parte subterrânea; nesta área da cidade certamente existiu uma outra via que dava acesso ao anfiteatro e à zona baixa da cidade. Apesar de não existir



localização seria no *viridarium* ou no *hortus* da casa, mas pode também ser um retrato funerário proveniente da necrópole.

No topo Oeste do peristilo duas *fauces*, simétricas, permitem o acesso ao sector Norte e Sul respectivamente. No primeiro, encontramos um pequeno pátio (A40) com um *impluvium* de planta quadrangular, revestido a *opus signinum*, decorado ao centro por um canteiro que forma uma cruz pátia. Sabemos que este pequeno jardim era alimentado por um cano de chumbo; não sabemos se teria ou não algum repuxo e o sistema e orientação do escoamento são-nos também desconhecidos. Por sua vez, o *impluvium* localizava-se no interior de um pórtico definido por quatro colunas em cada um dos lados (contando duas vezes as dos ângulos). O desconhecimento da estrutura da *domus* no seu sector setentrional impede apreciações detalhadas, mas sugere a existência de um acesso ao *atriolo* por Norte. O pátio está construído sobre um espaço subterrâneo, ao qual se acedia primitivamente por uma escadaria situada a Sul. São ainda hoje visíveis duas passagens abobadadas, uma das quais ligava esta zona da casa, num plano superior quando comparado com a passagem mais ocidental, com o exterior, e conseqüentemente com a suposta via a Norte. A sala subterrânea situada, em parte, por baixo do *impluvium* e da sala do mosaico do elefante (A35), são entulhadas aquando da reestruturação destes ambientes, o que implica, claramente que a fase anterior oferecia uma diferente distribuição dos espaços.

Na ala Norte, junto ao limite Oeste da *domus*, numa área parcialmente escavada, foram observados os vestígios de um *euripus* associado a um canteiro, implantado num pequeno peristilo (A50) cuja construção condenou as duas portas da fase anterior (Oleiro 1992: 149), sendo ainda hoje visível neste troço o alteamento dos níveis de circulação entre a primeira e segunda fases da casa.

Ainda que esteja muito incompletamente escavado e delimitado, importa ainda mencionar o *hortus* da casa. Elemento de pura *amoenitas*, Conimbriga permitiu, pelo menos nesta zona da cidade, aos seus cidadãos mais abastados a criação de espaços verdes que envolviam parte destas casas monumentais. O *triclinium* situado no topo do eixo Oeste/Este, que define toda a construção, é contornado externamente em três dos seus lados por um *stagnum*<sup>5</sup>, revestido a *opus signinum*, com três ânforas<sup>6</sup> embutidas na sua parede Norte. A existência destes elementos encastoados nas pare-

des dos tanques existentes nos jardins é bastante comum em Pompeia e Herculano, como por exemplo na piscina da casa VIII.ii.14, com dois alinhamentos sobrepostos de nove e oito ânforas pequenas, na pequena piscina de VIII.ii.16, com apenas três ânforas, ou mesmo o grande tanque da Casa dos Capiteis Pintados, na mesma cidade; em espaço públicos referir as ânforas localizadas na *natatio* da palestra em Herculano. A utilização de ânforas ou mesmo *dollia* embutidos nas paredes de tanques e piscinas servem, claramente, como refúgio dos peixes e zona de desova. Na opinião de Wilhelmina Jashemski (Jashemski 1979; 1993), em Pompeia poderia verificar-se a utilização de água salgada, em alguns destes tanques, para manutenção de peixes de água salgada, baseando-se para tal nas inúmeras representações pictóricas e musicais de peixes de variadas espécies que nadam juntos. A mesma autora conclui que as espécies mais utilizadas não seriam apenas decorativas mas também comestíveis. Não podemos dizer que tipo de peixes nadaram no *stagnum* da Casa dos Repuxos, mas para ele se abriam certamente amplas janelas (não se conservando as suas soleiras, ao contrário do que acontece na Casa de Cantaber, todavia o módulo arquitectónico é claramente o mesmo).

Da rede hidráulica da primeira fase da *domus*, de construção situável em meados do séc. I dC, podemos apenas evidenciar os vestígios de escoamento da cisterna, situada no pátio central da *domus* em direcção à via norte, escoadouro do qual se conserva uma parte, construída em alvenaria e com tampas em tijoleira, visível no viaduto A51. Nesta passagem abobadada são também visíveis as marcas de assentamento dum cano – de chumbo? – numa das saliências que acompanha a parede Este desta passagem inferior; não registamos qualquer referência à rede de abastecimento – se existiu um abastecimento para além do assegurado pela cisterna – nem à rede de escoamento, exceptuando o cano já mencionado. É durante a remodelação profunda de que a *domus* é alvo, no último quartel do séc. II dC, que se leva a cabo a uma alteração radical do sistema de abastecimento e escoamento das águas utilizadas na casa. A construção de fontes, tanto na ala Norte como Sul, decoradas com repuxos, associadas à anulação da cisterna traduz, claramente, uma alteração do sistema de abastecimento, que a nosso ver, é agora assegurado por uma rede “pública”. A instalação de repuxos, e concretamente o elaborado sistema dos 521 repuxos que



decorou o *viridarium* do peristilo, exigiu a utilização de água sobre pressão, neste caso apenas possível através de uma rede de canos de chumbo que permitisse suportar a pressão necessária ao efeito pretendido. As cotas dos pisos de utilização desta segunda fase, bem como as referentes às fontes e repuxos demonstram que o abastecimento se fazia de Sul para Norte. Aliás, durante as escavações antigas, bem como nas obras de consolidação, recolocação e restauro de alguns dos pavimentos observaram-se e registaram-se os percursos de alguns destes canos de abastecimento. O cano que abasteceu a fonte/*ninfeu* provinha da Via Decumana, mas infelizmente não se realizaram, naquela data, sondagens na zona exterior da casa. Porém a intervenção nesta fonte regista o percurso do cano de chumbo que alimenta o repuxo superior da fonte, e que, através de uma derivação em T prossegue para Norte, abastecendo o repuxo do tanque (Oleiro 1992: 22, fotografias 8 e 9); daqui o cano de chumbo segue por baixo dos pavimentos da sala 25, e da ala Sul do peristilo, perdendo-se o seu percurso após este ponto; certamente o cano principal de abastecimento, em chumbo, contornava o tanque do peristilo e desembocava numa caixa de derivação, situada obrigatoriamente junto à orla do grande tanque.

O elevado número de fontes e tanques tinha como consequência imediata o elevado consumo de água, e mesmo considerando que algumas delas não funcionariam em débito constante, o volume de água necessário para abastecer os tanques era considerável. Uma outra variável que devemos medir é a manutenção de espelhos de água abastecidos pela chuva, água recolhida no *compluvium* e canalizada para o *impluvium*. Mas, independentemente destas análises, é necessário admitir que a água canalizada em canos de chumbo da Casa dos Repuxos provem de uma conduta, sob pressão, que obviamente só poderá nascer num aqueduto. O aqueduto de Conimbriga desemboca num *castellum aquae*, situado a escassos 100 m em linha recta da fachada da Casa dos Repuxos, contudo a caixa de distribuição deste aqueduto, na qual nascia um cano de chumbo de grande calibre<sup>7</sup> que assegurava a rede de abastecimento da zona Norte da cidade, situa-se a uma cota de 106,69 m, altura necessária para obter suficiente pressão para abastecer a Casa dos Repuxos. No entanto, este cano dirige-se para Noroeste e não apresenta qualquer bifurcação para Sudeste, apenas se identificou uma duplicação da tubagem num local já bem próximo

do *forum*; a conduta de abastecimento principal afasta-se gradualmente da zona oriental da cidade; um outro dado a ter em conta é a pendente Este/Oeste da Via Decumana, sugerindo um abastecimento por Este e não por Oeste, como seria de prever se este fosse assegurado pelo único *castellum aquae* conhecido na cidade. Todavia, verificasse a existência, no pilar do arco do aqueduto frente à insula do mesmo nome, o vestígio do arranque de um cano de chumbo que estaria ligado directamente ao cano do aqueduto e que conduziria a água para algum edifício; não é, no entanto, claro, nem como se fazia essa ligação, nem qual edifício a condução se destinava.

O escoamento do elevado volume de água utilizada nos diversos tanques realizava-se no sentido Sul/Norte. A fonte *ninfeu* (A 28) escoava através de cinco orifícios existentes na parte superior da placa de revestimento do ângulo noroeste, permitindo a manutenção de um espelho de água, que escoava por um cano, construído com tijoleiras e argamassa, passando pelas salas A24, A19, A18, A15, a ala Oeste do peristilo e sob a sala A11, juntando-se a uma canalização de maiores dimensões, que prossegue o seu percurso pela passagem abobadada em direcção à cloaca (?) da via a Norte. O percurso sinuoso desenhado por esta canalização é apenas justificável pela existência de outras derivações que gradualmente vão alimentando este canal de escoamento, como aliás demonstra a caixa de visita situada na Sala A25, na qual se observa uma rede em Y. O escoamento da água do grande tanque do peristilo é talvez o mais original, por se tratar de um dos exemplos de reciclagem de água. O orifício de escoamento do tanque conduz a água através de uma conduta em alvenaria até ao limite Norte do peristilo sendo esta reutilizada para limpar o canal das latrinas, que durante a segunda fase da casa, aí são construídas, escoando já como águas não reutilizáveis, para Norte, por baixo do ambiente A53, perdendo-se o rasto do seu percurso até ao exterior. Este sistema exigia que ao tanque do peristilo fosse assegurado um abastecimento em débito constante, ao menos assim julgamos. Por fim, o escoamento do *stagnum* que envolve o *triclinium/oecus* é assegurado por um largo orifício, realizado por um cano cerâmico, situado no ângulo NW da base do tanque e que conduz a água até uma caixa de visita, situada no limite externo da estrutura a qual se transforma numa conduta em alvenaria, com cerca de 1,10 m de altura por 0,60 m de largura, conduta que prossegue até ao limite Norte da estrutura. A



recolha de toda esta água e a separação entre os diversos canos de escoamento torna plausível a existência de uma grande cloaca na via supostamente situada a Norte da *domus*, área ainda não intervencionada.

### *Casa de Cantaber*

A casa atribuída a Cantaber situa-se no interior da cidade amuralhada no baixo-império e constitui um dos mais interessantes testemunhos da arquitectura privada de Conimbriga. Objecto de algumas sondagens entre 1873 e 1899 é integralmente escavada, entre 1930 e 1934 por Vergílio Correia. A recente publicação do estudo (Correia 2001) da sua estrutura, associado aos resultados obtidos durante uma campanha de sondagens realizada entre 1995 e 1998, permitem agora definir três fases, bem delineadas num contexto estratigráfico e estrutural, de ocupação desta ínsula: um primeiro momento de datação pré-claudiana de morfologia difícil de caracterizar; um segundo momento flaviano no qual uma grande casa de traço palaciano, ocupa a totalidade da ínsula; um terceiro momento, em finais do séc. III dC, ou mesmo já entrado o séc. IV, no qual a *domus* sofre profundas reformas, motivadas pela obrigada reorganização dos espaços a que a construção da muralha baixo imperial obrigou. Este último momento não decorre em única empreitada. Numa primeira fase são construídas umas latrinas, corpo adossado ao antigo perímetro da casa, fase apenas possível após a privatização deste espaço, num segundo momento é edificado o denominado peristilo truncado, corpo longilíneo, que geriu o espaço que a muralha lhe ofereceu. Num último momento, alguns espaços da casa são utilizados como zonas de fundição e outros, assumem funções industriais. Regista-se também a utilização de algumas áreas da *domus* como necrópole, podendo associar-se a esta última alguns enterramentos datados por moedas de Honório.

Acedia-se à casa através de um vestíbulo amplo que, através de um vão tripartido, que marca claramente a axialidade da planta, permite o acesso directo ao peristilo (C10). No centro do peristilo foi instalado um tanque (C11), de grandes dimensões, decorado com quatro canteiros. Os canteiros, simétricos, formam uma cruz lobulada, reproduzindo o mesmo esquema utilizado na vizinha Casa dos Repuxos, ainda que, nesta última, o esquema decorativo seja duplo. A localização dos

canteiros cria, novamente, a ilusão do um *euripas*. O tanque, revestido em *opus signinum*, conserva em parte os negativos da rede de tubos de chumbo, originalmente soldados ao fundo do tanque, e dos quais se conserva o início do tubo de abastecimento dos jogos de água, ainda encastrado na parede Norte do tanque; a reconstrução parcial do percurso das canalizações em chumbo permite supor a existência de repuxos, colocados nos topos dos quatro canteiros. As escavações antigas realizadas nesta área da cidade não permitem actualmente identificar que tipo de plantas ocuparam os canteiros. No entanto, seria flora não arbustiva face à escassa potência de alguns dos canteiros, mas neles existiu, certamente, decoração estatuária ou efeitos decorativos construídos, como sugere um vestígio de uma decoração composta por estuque azul com conchas incrustadas, conservado no ângulo NE do canteiro A, algum resto de estatuária localizado em escavação e os encaixes de plintos nas lajes de calcário nos intercolúnios dos pórticos. A decoração deste jardim interior era completada por um conjunto de estátuas (?) das quais se conservaram as bases dos plintos no intercolúnio, referir que neste tanque foi encontrada uma estátua em bronze de Minerva<sup>8</sup>.

O escoamento deste tanque fazia-se a Norte, no mesmo ponto onde nasce a rede de abastecimento dos jogos de água. Neste ponto existe uma caixa construída em tijolo que simultaneamente assume três funções: a de escoamento da água do tanque, quando se deve esvaziar para proceder à sua limpeza; a de “ladrão”, com uma abertura superior que define o nível máximo de água no interior do tanque; uma caixa superior, possivelmente relacionada com a recolha das águas das caleiras, o *compluvium*, da cobertura que protegia o peristilo. A água, conduzida para Norte até uma segunda caixa de visita, para onde confluíam todos os escoamentos da casa (com excepção dos pertencentes às últimas fases construtivas) e que por sua vez, através de uma única cloaca evacuava as águas para a cloaca principal que atravessa a Via Decumana e prossegue para Norte em direcção às Termas do Aqueduto. Observamos novamente como os canteiros, colocados no peristilo central da casa desenhavam uma linha visual, um ponto de fuga para quem entra no peristilo, conduzindo até a extremidade do *triclinium* e prosseguindo até o *hortus* situado nas traseiras da casa, visível através da ampla janela central do *triclinium*. Dois estreitos vãos situados na parede Sul e Este do peristilo permitem aceder a dois outros *viridaria*, através da última porta



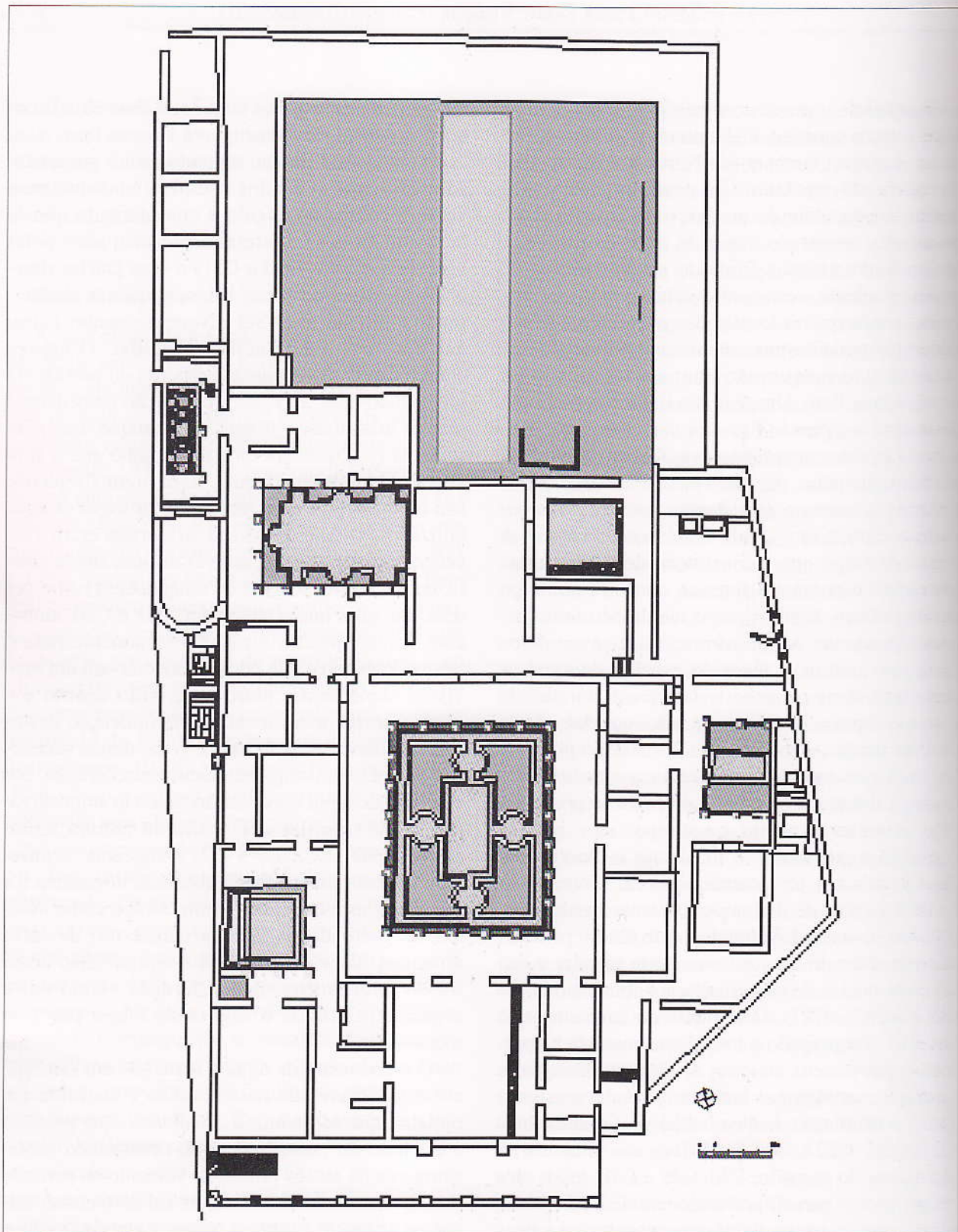
e desenhando um percurso retrógrado, pelas salas C17, C16, o corredor, C15 entramos num pequeno pátio, acessível também por Norte, através de uma das portas do vestíbulo. Um pequeno tanque, profundo, ocupa mais de um terço da área do pátio porticado, encostado à parede leste da *domus*, e antigo limite exterior. Rodeado por um pórtico de planta quadrada, com quatro colunas nos seus três lados, sendo que as localizadas junto à parede são sugeridas por pilastras, em seu tempo certamente estucadas, o tanque não ocupa a totalidade do espaço ao ar livre. Uma estreita linha entre o limite do tanque e a parede Este, foi dedicada a um canteiro, mas a sua integral escavação, bem como a da ala Norte do pátio, permite apreciar a existência de um tanque anterior, com degrau, totalmente entaipado e inutilizado, sendo claramente visíveis as zonas de rasgo que a construção do novo tanque provocou; este tanque anterior, ocuparia um terço do *impluvium*, sendo o resto ajardinado num primeiro momento. A transformação faz-se em detrimento do jardim, a favor do espelho de água. A decoração deste pequeno *viridarium* é completada com um repuxo, ou dois, colocados nos dois extremos do tanque, o escoamento é realizado por uma abertura que conduz a uma caixa, em tudo semelhante à detectada no tanque do peristilo principal. Não se conserva, porém, o seu topo, o que impede o registo a que altura se localizava o “ladrão”. A água seguia por uma canalização em tijoleira que se unia à caixa de derivação existente na ala norte do peristilo central. Voltando a este último poderíamos, através de uma estreita porta, aceder a um segundo núcleo da casa, onde encontramos o peristilo lobulado (C23). O conjunto de ambientes que envolve este peristilo é totalmente coerente e apresenta uma perfeita simetria de espaços, mais tarde alterada por algumas intervenções de reorganização e ampliação da área habitável. Os ambientes C21, C22, C22A, são simétricos aos situados na ala oposta do peristilo, C30, C29 e C28, todos eles abrem para o peristilo e funcionam de forma alternada como espaços de passagem entre as várias zonas da residência, mas será pertinente questionarmo-nos com que zonas da *domus* se relaciona. Sem dúvida, liga o grande peristilo ao “apartamento” privado, situado a leste, a Oeste através de uma ampla janela ao *triclinium*. Mas a Sul desenha-se como um corpo avançado sobre o *hortus*, um acesso esteticamente coerente com a decoração do jardim exterior, ou talvez, como pavilhão construído associado ao jardim. A verdade é que a sua comu-

nicação com os espaços situados a leste é mais tardia e, como tal, devemos ignorá-la nesta fase.

O tanque rodeado no seu lado menor por quatro colunas e três nos lados maiores (contando duas vezes a coluna do ângulo e considerando que os lados maiores são parcialmente ocupados pelas paredes das salas C30 e C21) e suas janelas desenhadas, em três dos seus lados, pequenas absides, sendo estas, nas faces Sul e Norte do tanque, ladeadas por duas reentrâncias quadradas. O espaço entre a parede do tanque e o rebordo do pórtico era preenchido com terra, para colocação de pequenas plantas arbustivas e florais. Este tanque, que conserva os rasgos de um tubo de chumbo que o atravessava longitudinalmente, teria alguns repuxos, não estando aptos para reconstruir os jogos de água utilizados. O tanque e o seu *viridarium* eram visíveis desde o *triclinium*, através de uma ampla janela, com a mesma largura do tanque, bem como por duas das salas que o envolvem, C21 e C30, ambas com amplas janelas viradas directamente para o tanque lobulado e que por sua vez criavam um eixo visual suplementar entre o peristilo central e o grande *hortus* meridional. A multiplicação destes eixos visuais, destas linhas de fuga, destas sucessivas perspectivas arquitectónicas entrecortadas por espelhos de água e vegetação, que tão impositivamente faz recordar o 4º estilo de pintura mural (Beyen 1960; Schnapp 1997) pompeiana, aconselhou a tomar uma pequena liberdade linguística e a classificar este conjunto arquitectónico como *diatae*. A liberdade linguística parece-nos de facto diminuta; não estamos perante um pavilhão construído num jardim, mas a ligação visual entre arquitectura, água e vegetação não é por isso menos íntima.

O escoamento da água é realizado em direcção a Norte, através de uma conduta construída em tijoleira, que se irá unir à canalização que percorre a ala leste do peristilo central, desaguando posteriormente na cloaca principal. Voltando ao peristilo principal, e situando-nos na ala sul do mesmo, deixamos às nossas costas, a Norte, o grande tanque e estaremos virados para o grande *triclinium*. Já no seu interior e sempre olhando para Sul, fica a leste C21, a sala de acesso ao tanque lobulado e a Oeste, uma outra sala, que vencendo o desnível do terreno através de três degraus, conduz a uma zona de serviço, onde certamente se encontravam as cozinhas. Mas, se avançarmos para o interior do *triclinium*, poderemos apreciar como ele se abre, através de três amplos vãos, nas soleiras dos quais se conser-





1.2. - Planta da casa atribuída a Cantaber (©MMC).

vam as marcas de fecho das portadas, para os três espaços ajardinados que compõem a cenografia arquitectónica que envolve o *triclinium*. À nossa esquerda (leste) o já descrito peristilo lobulado, a Oeste um espaço aberto onde se localiza um segundo tanque (C25) e em frente o *stagnum*, rectangular, que decora o *hortus* da *domus*. O tanque C25

localiza-se num espaço de difícil reconstituição. Decorado em pelo menos três dos seus lados por um mosaico do qual resta uma presença vestigial, apresenta no seu lado Sul as marcas de uma estrutura definida por um muro e um corte no afloramento (não sabemos se aqui se implantava algum mecanismo de abastecimento do tanque, uma fonte



por exemplo), ou se pelo contrário, o tanque era apenas abastecido por águas pluviais. A orla do tanque, todo ele revestido com *opus signinum*, é formada por dois alinhamentos de tijolo. Seria este espaço dedicado ao cultivo, formando uma estreita linha verde que envolvia o tanque? Esta é uma hipótese a considerar. O ângulo Sul do tanque, o mais profundo, apresenta um orifício para o escoamento da água ligado por seu turno a um escoadouro, situado no pavimento do ambiente e protegido por uma tampa circular com cinco perfurações, em direcção Sul, ou seja para o *hortus*. Mas este tanque apresenta um outro escoamento, situado no ângulo oposto do tanque e que por sua vez conduziria a água para Norte, em direcção à cloaca principal. Estamos eventualmente na presença de uma prova da alteração da rede de escoamento das águas residuais da casa, talvez situável no momento em que o *hortus* é sacrificado para construir um edifício termal, obrigando à interrupção dos sistemas de escoamento do *hortus* para a cloaca principal, momento em que aparentemente se mantém este tanque em funcionamento. O espaço C25 funciona também como corredor, ou elemento de união entre a cozinha, ou área de serviço e um outro espaço ajardinado. O conjunto formado pelo pátio C62 sugere uma zona da casa, menos nobre nas escolhas decorativas, mas não por isso negligenciada. Este sector ocidental, de planta trapezoidal é composto por uma sequência de salas e ambientes de diferente natureza, organizado em redor de um pátio ao céu aberto, porticado e no centro do qual se construiu um pequeno tanque rectangular. O pátio deixa a leste dois *cubiculae*, C18 e C67, funcionando o primeiro como ponto de acesso directo ao peristilo central. A Norte, uma sala, não totalmente escavada, e a Oeste, dois espaços de problemática ligação com este conjunto. Imediatamente por trás do pátio, num espaço, C63, revestido integralmente com tijoleira e posteriormente entulhado e repavimentado, na sua face Norte, observa-se uma canalização em parte incompleta, construída também ela em tijoleira. Este local, que não tem um acesso claro pelo pátio tem a Norte, umas pequenas latrinas em U, implantadas numa área muito reduzida. Esta poderia ser uma área dedicada ao pessoal de serviço, todavia, o acesso às latrinas, C64, e ao espaço ladrilhado, C63 não é explícito quanto às suas funções. No pátio, C62, observamos um espaço a céu aberto definido por um pórtico de três lados, com quatro colunas no lado maior e três no menor (contando

duas vezes as colunas dos ângulos) integralmente realizadas com tijolos de quadrante, e conservando os plintos das mesmas, realizados por grandes tijoleiras com recortes laterais que testemunham a existência de um delgado murete, que unia os intercolúnios. Neste espaço, ao centro, um tanque não muito profundo é ladeado por duas áreas dedicadas ao cultivo, talvez de espécies arbustivas ou florais. Talvez pela sua localização excêntrica, este *viridarium* tenha servido para cultivar espécies culinárias ou medicinais. Desconhecemos se este tanque teve um abastecimento directo de água, para além da pluvial. O seu escoamento, central, une-se à canalização proveniente do espaço ladrilhado, C63, para mais tarde se unir ao proveniente das latrinas e através de uma das canalizações principais, construída em alvenaria, juntar-se à caixa central situada antes do vestíbulo. Uma nota importante: esta rede de escoamento permite que todas as águas residuais confluam em amplas canalizações, separando as águas<sup>9</sup> brancas e negras em função do seu nível de poluição e utilizando-as, como elemento de manutenção e limpeza constante. No caso das águas provenientes das latrinas, esta preocupação em manter as canalizações de escoamento, que atravessam boa parte da casa, limpas, afigurava-se imperioso.

Por fim, do *hortus*, um dos espaços mais cenográficos da casa, pouco podemos dizer. Ocupa mais de um terço da área da ínsula e encerra toda a parte Sul da casa. Durante o séc. II o *hortus* é em grande medida sacrificado para a construção de um edifício termal de cariz privado, que certamente originou a reorganização do espaço envolvente, alterando o equilíbrio visual preexistente. Da arquitectura do *hortus* reconhecemos parte de uma piscina com 4,93 m de largura por um comprimento que ultrapassa os 9 metros, mas cuja longitude exacta não estamos em condições de determinar. São referidas nesta área da casa fragmentos de pintura mural, colunas jónicas em estuque e à utilização do *opus sectile*, elementos que nos asseguram uma arquitectura rigorosa deste jardim exterior. A Oeste, um canteiro conserva um desenho lobulado demarcado por uma fileira de tijolos, sendo que ao centro se reconhecem vestígios de argamassa. É tentador por, como hipótese, a identificação desta construção no *hortus* com os vestígios de *ars topiaria*. No entanto, este canteiro, com áreas delimitadas de cultivo, pode estar associado a uma estrutura com jogos de água. No acompanhamento arqueológico das recentes obras realizadas



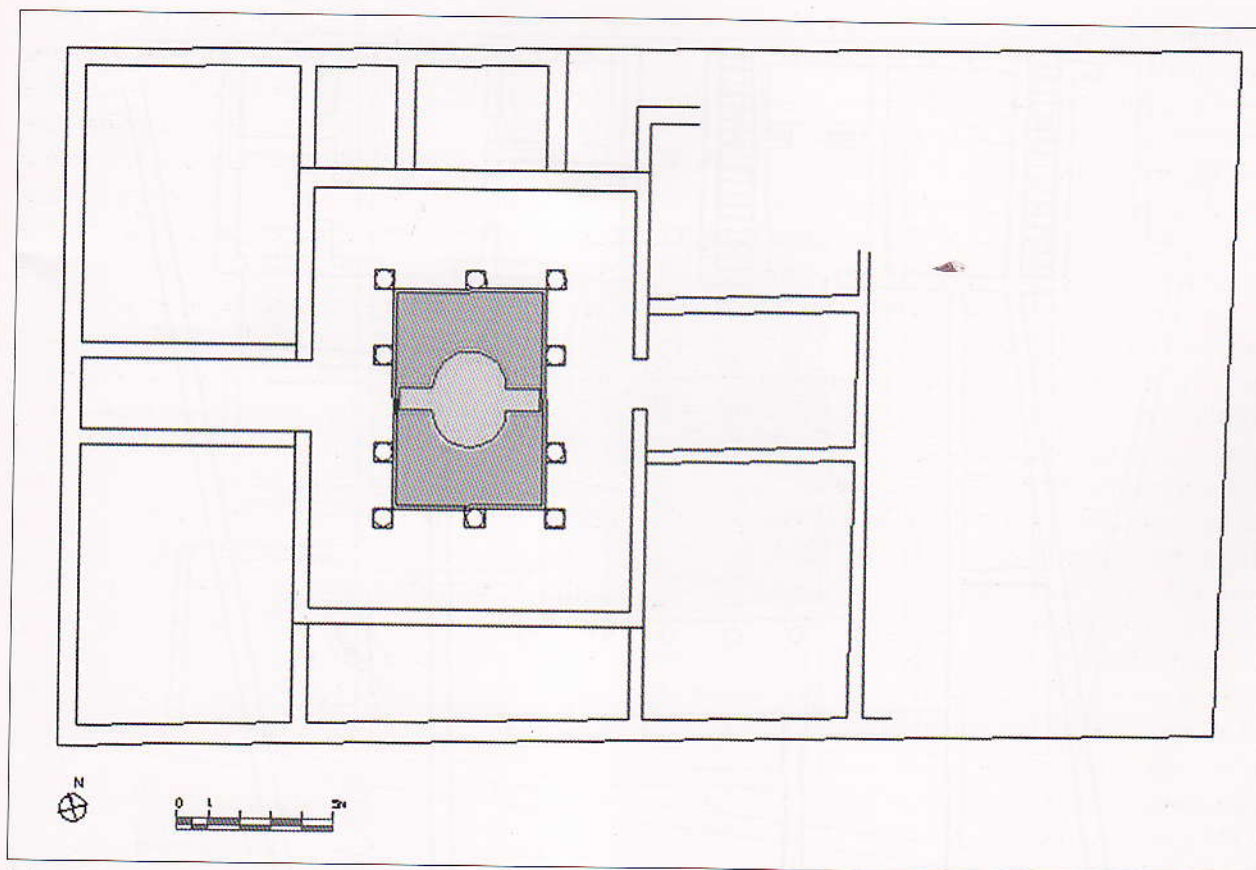
nesta área arqueológica registou-se uma tubagem de chumbo de direcção Oeste/Este, localizada na rua Oeste em zona muito próxima a este canteiro, desconhecemos todavia o percurso do tubo no interior do recinto da Casa de Cantaber, e se ele era o único ou apenas um dos abastecimentos de água da *domus*. E é precisamente o abastecimento de água um dos elementos que mais incógnitas nos levanta na Casa de Cantaber. Tradicionalmente assume-se que esta casa seria abastecida, através de canalizações de chumbo provenientes do *Castellum Aquae*, estrutura próxima da fachada da *domus*. Esta é sem dúvida uma hipótese viável, mesmo desconhecendo o percurso dos canos de adução. Se admitirmos que as cotas de utilização são bastante uniformes nas áreas que exigiram abastecimento sob pressão, excepção feita do sector ocidental, cujo nível se eleva a cerca de um metro sobre os níveis de utilização dos restantes sectores. Situação semelhante é registada na área ocupada pelo *hortus* bem como nas duas salas do *peristilo* truncado, C26 e C31. Este abastecimento realizado de Oeste para Este, e não de Norte para Sul, poderá ter ocorrido após a construção da muralha baixo imperial. A alteração dramática da área urbana que a construção desta cinta murária impôs, reflecte-se na Casa de Cantaber, através de uma sequência de remodelações na estrutura da casa e construção de novas áreas. No sector leste, onde antes passava uma das vias da cidade, eixo de provável cronologia julio-claudiana, que organizou os novos lotes de ocupação urbana fora do aglomerado da Idade do Ferro, irá implantar-se o pano da muralha, aumentando a área desta ínsula, com uma faixa de terreno, antes público e que agora será ocupado por obra privada. Mesmo existindo a possibilidade de aqui manter um *angiportus* de acesso às construções implantadas na zona Sul, opta-se por, numa primeira fase, construir umas latrinas, inicialmente acessíveis por duas portas, uma no *peristilo* lobulado, C23, e outra através do espaço C15. Mais tarde, é construído um bloco, uniforme e coeso composto por duas salas opostas, entre as quais se criou um poço de luz e arejamento decorado por um diminuto atriolo com apenas três colunas, o centro do qual se instalou um tanque, revestido a *opus signinum*, composto por seis canteiros. Quatro canteiros em forma de L, ou de aspa, desenharam ao centro do tanque um quadrado, com um octógono interno, motivo ladeado pelo outros dois, em forma de cruz pateada. Um repuxo, no centro do octógono, produz o jogo de água. A

adução, seguindo o topo do cano ainda hoje visível no fundo do tanque, provém de Sudoeste. O escoamento é realizado no ângulo Sudeste do tanque e como registamos noutros exemplos de Conimbriga apresenta um “ladrão”, superior, que mantém o nível de água do tanque. A este escoamento, associa-se o da água vazada por uma tampa circular esculpida em placa de calcário e colocada no intercolunio do pórtico. Resta-nos uma questão importante: se o escoamento se faz para SE, mas se a muralha é o apoio directo da parede interna deste bloco, onde se encontra o espaço da cloaca, que obrigatoriamente tem de existir neste local? Se a este dado juntarmos ainda o facto das latrinas (C60, C59 e C58) terem o seu escoamento na mesma direcção, então teremos a certeza que uma cloaca de direcção Norte/Sul, certamente posterior à construção da muralha, atravessa todo este sector, e talvez, num ponto não localizado, se una à cloaca associada ao escoamento de água do balneário da *domus*.

#### *Casa de Tancinus*

A casa de Tancinus<sup>10</sup>, situada na ínsula mais meridional deste sector da cidade, é um edifício de difícil restituição, por ter sido transformada em basílica paleo-cristã<sup>11</sup>. Uma primeira estrutura habitacional de contornos imprecisos ocupa uma parte desta ínsula que, após a construção da *domus* de Cantaber, deverá ter sido reorganizada e loteada. É provavelmente neste momento que se assiste à construção de um edifício termal, de carácter público, também ele ocupando um terreno com construções anteriores. Em traços gerais, define-se uma *domus*, de menores dimensões que as até agora descritas, centrada num *peristilo* porticado, ao qual se acede por uma estreita *fauces*, que poderá ter exercido o papel de entrada principal da casa, realizada pela via a Oeste da Casa de Cantaber, que aqui fazia uma ligeira torção. Dois ambientes ladeiam o corredor de acesso ao *peristilo*: no seu interior, observam-se pelo menos dois *cubicula* com soleiras viradas para ele (um terceiro *cubiculum* ocupa parte do espaço anteriormente destinado a um *atrium*, deste último apenas se reconhece o plinto de uma coluna). No *peristilo* da Casa de Tancinus abre-se para Este uma ampla sala, talvez um *triclinium*. O primeiro desenho deste *peristilo* deveria apresentar ao centro um *impluvium* do qual nada resta para além da canalização de escoamento situada num dos muros perimetrais que defi-





2.1. - Planta da casa de Tancinus (©MMC).

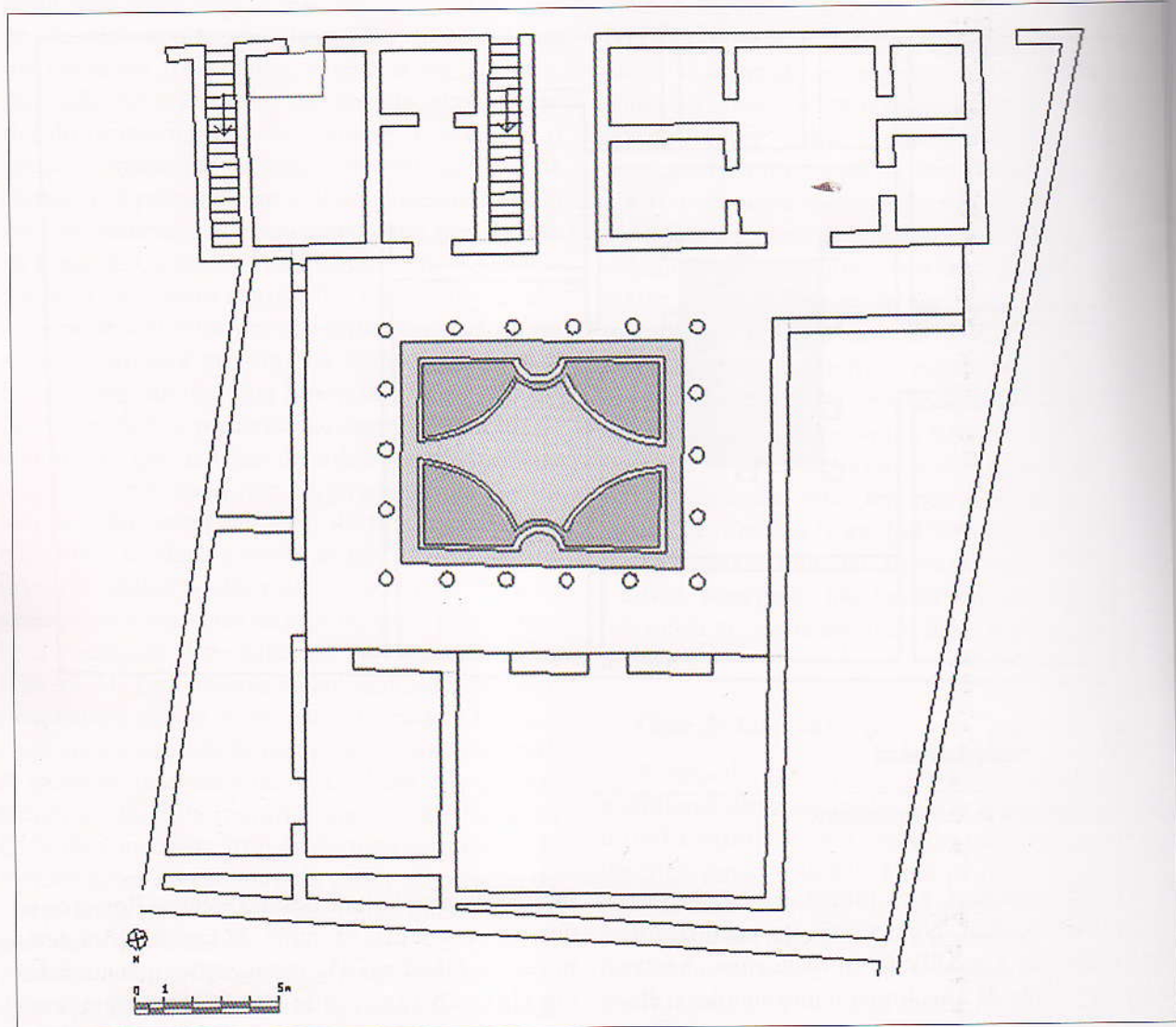
nem os intercolúnios, e os plintos em calcário das colunas do pórtico. Num momento posterior de difícil datação, é modificado o *impluvium*. A nova planta reproduz de uma forma muito simples o elemento presente quer na Casa de Cantaber quer na dos Repuxos dos dois semicírculos afrontados a ambos os lados do canal; enquadrado no centro da área delimitada pelo pórtico, é integralmente revestido a *opus signinum*. A área entre o limite externo do tanque e os muros que definem o perímetro do pórtico terá sido utilizada como canteiro, formando um *viridarium* de belo efeito cenográfico, todavia, numa linguagem mais simples da até agora observada nas restantes *domus* de Conimbriga. Numa terceira fase, que acreditamos ser bastante tardia, esta zona é alvo de profundas reformas. O tanque recebe um novo revestimento em argamassa no seu lado Oeste e uma nova canalização de adução de água, que é realizada com peças cerâmicas, *tubuli*, construídos para esse efeito. De referir que podemos acompanhar o percurso desta canalização cerâmica ao longo da face exterior do muro perimetral da Casa de Cantaber. Mas antes de atingir o tanque do peristilo, a canalização apresenta uma

bifurcação para Sul, de destino incerto. Ressalve-se que este é o único exemplo de canalizações cerâmicas em *tubuli* nas 452 canalizações inventariadas em Conimbriga, o que nos remete para uma situação excepcional no ambiente global da cidade, talvez relacionado com uma questão cronológica mais do que funcional. Ou seja, trata-se de um momento posterior no qual a utilização de canalizações em chumbo cai em desuso e é preterida por soluções mais económicas, devendo certamente relacionar-se com a transformação do *impluvium* em baptistério.

#### *Casa da Cruz Suástica*

A Casa da Cruz Suástica está situada a Sul da via principal da cidade, mas dela separada por um edifício de vinculado carácter comercial de construção anterior (seguramente da primeira metade do séc. I d.C.) ocupando um dos "lotes" em que certamente se dividiu esta ínsula de natureza residencial. Foi escavada entre 1940 e 1944 por Vergílio Correia, e posteriormente em 1963 por Jorge Alarcão. Também aqui observamos como a construção materializa o seu eixo principal no





2.2. - Planta da casa da cruz suástica (©MMC).

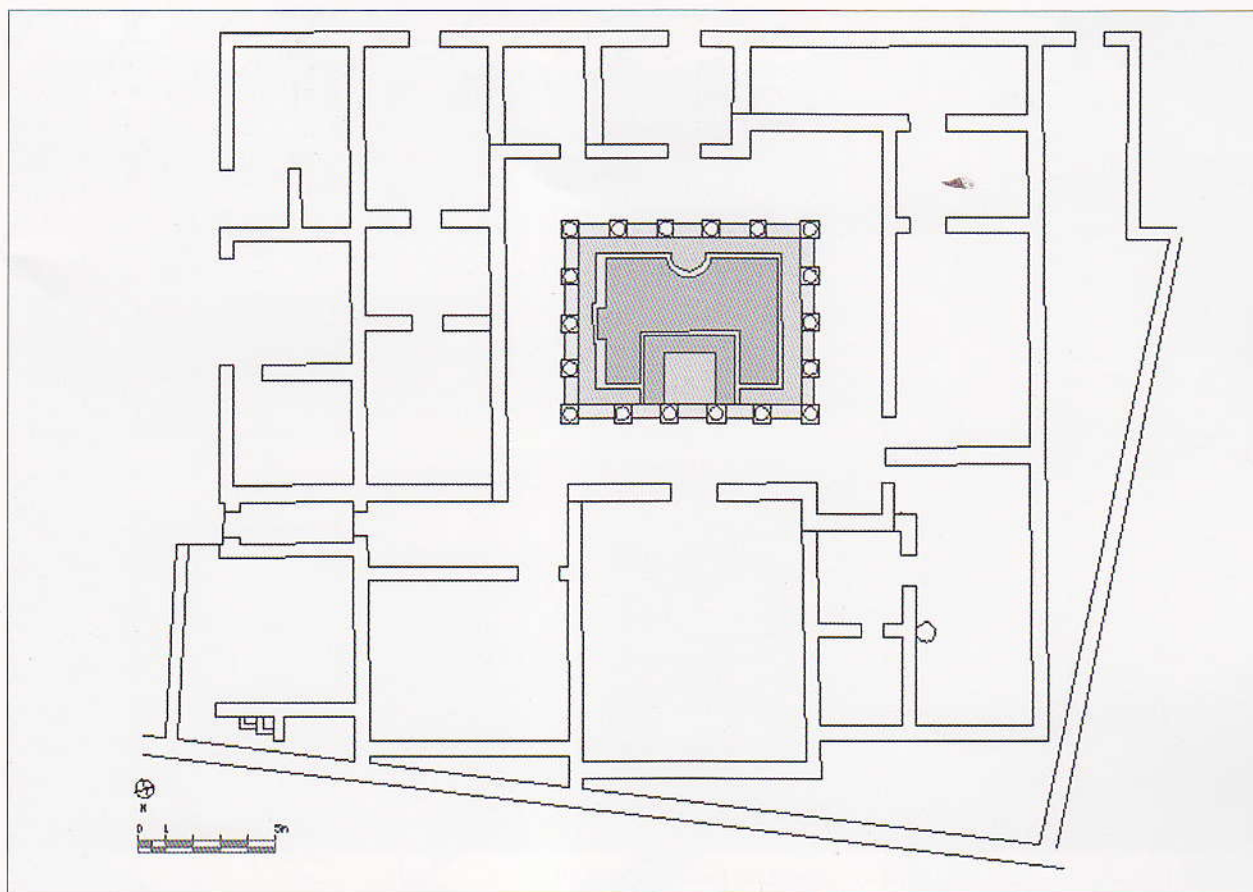
peristilo, mas implantando o *triclinium* transversalmente, rentabilizando assim, o espaço disponibilizado para a construção mas produzindo um resultado visual infeliz. O peristilo é acessível por uma estreita *fauces* situada a leste e um corredor aberto a Norte. O peristilo apresenta um pórtico com seis colunas no lado maior e cinco no menor, contando duas vezes a dos ângulos, construídas integralmente com tijolos de quadrante. Um tanque ocupa todo o espaço do *impluvium*, no interior do qual se colocaram quatro canteiros, que formam ângulo recto sendo o seu perfil interno semicircular, desenhando um falso *euripus* em todo o perímetro do tanque. Os canteiros estão unidos por delgadas muretes, a Sul e a Norte, sendo todo o interior do tanque e paredes externas dos canteiros revestidas a *opus signinum*. A alimentação de água provinha de Sul e

resultava em pelo menos em um repuxo de água central. Por sua vez o escoamento é realizado por um orifício situado no ângulo Este.

### *Casa dos Esqueletos*

Inserida na mesma ínsula da casa anterior, a Casa dos Esqueletos<sup>12</sup> ocupa uma área mais vasta que a vizinha Casa das Suásticas. O peristilo central, e ao contrário dos restantes, não oferece uma planta regular, facto que pode advir das características desta casa de Conimbriga, datada na sua estrutura final do séc. II dC. A ala Sul caracteriza-se por uma sequência de três salas, uma delas pavimentada com mosaico geométrico policromo, com entrada independente na fachada Oeste, ou seja virada para a via destruída pela muralha baixo imperial, que corresponderá a um apartamento para





2.3. - Planta da casa dos esqueletos (©MMC).

aluguer. O peristilo central é formado por um pórtico que nos lados maiores conta com seis colunas, e nos lados menores cinco, contando duas vezes as dos ângulos; estas são assentes em plintos de calcário, e construídas com tijolo de quadrante. O tanque, situado no *impluvium*, forma um *euripus*, de pouca profundidade, que no lado Este se alarga desenhando um espaço quadrado, um pouco mais fundo e revestido com placas de calcário. Esta reentrância decorativa localiza-se em frente ao vão de acesso ao *triclinium*. O revestimento com lajes de calcário transformaria o reflexo do espelho de água numa tonalidade mais cristalina, enquanto o restante *euripus* é simplesmente revestido a *opus signinum*. Ao centro, um canteiro ocupa grande parte do espaço. Desconhecemos se este *viridarium*, de traço mais clássico e arcaico que os anteriormente descritos, completou a sua decoração com estatuária.

O escoamento procedia-se por um orifício situado na parede Sul do tanque, que por sua vez conduzia a uma cloaca que acompanha o *angiportus* das Termas da Muralha. No intercolunio, correspondente a este desagúe do tanque, verifica-se a

existência de uma tubagem cerâmica colocada com a boca virada para cima, o que nos leva a pensar no sistema de recolha das águas do *compluvium*.

#### *A Palestra das Termas Sul*

O único jardim de Conimbriga situado num ambiente público localiza-se na, vulgarmente denominada, palestra das Termas Sul (fase trajânica). Não existem, na área da cidade até hoje escavada, quaisquer outros registos de jardins que estivessem associados a ambientes públicos. Mas são as termas públicas, grande equipamento de serviço comunitário, instaladas no limite meridional do planalto que, nos oferecem este interessante exemplo de jardim, ou *xystus*<sup>13</sup>.

Situada no extremo Sul do edifício termal, a palestra vence o declive imposto pelo tufo calcário construindo um muro contrafortado no limite extremo do planalto, virada para o vale do Rio de Mouros. Os seus limites Este e Oeste são dados por muros perimetrais decorados com quatro absides diametralmente opostas, entre as quais se localizam dois “caixotões” internamente revestidos com





3.1. - Peristilo central da casa dos Repuxos. (Foto Luís Pavão©IPM/MMC)



3.2. - Peristilo central da casa atribuída a Cantaber. (Foto Luís Pavão©IPM/MMC)





3.3. - Peristilo central da casa da cruz suástica. (Foto Luís Pavão©IPM/MMC).

tijolo. Todo o espaço, anteriormente ocupado por um bairro indígena em processo de abandono, é nivelado, regularizado e elevando significativamente a cota de utilização, formando um amplo terraço de 18,60 m por 45 m. O arquitecto dispõem agora de 837 m<sup>2</sup> a céu aberto, instalando um *maenianum*, ao longo do muro contrafortado. Através desta “loggia”, virada para o vale, a paisagem envolvente é integrada como elemento decorativo. No conjunto o jardim participou como elemento verde, organizado, arquitectado, num claro contraste entre natureza selvagem, que as encostas do vale e serra ofereciam, e a natureza ordenada de um jardim romano.

Uma das provas de que esta área foi utilizada como espaço verde é a inexistência de qualquer pavimento, mas também, a utilização de 22 drenos encastrados no muro contrafortado, que permitiam e resolviam o problema da estagnação de águas, drenando os cerca de 2 075 m<sup>3</sup> de terra que compunham este magnífico terraço. Outro elemento é fornecido pelas escavações da equipa luso-francesa: uma canalização em chumbo (Etienne 1977:

127), proveniente de Norte, percorre o muro Norte da palestra, alimentando possíveis saídas de água, situadas nas absides orientais e nos dois caixotões intermédios, água que só poderia servir para regar estes espaços e não para abastecer algum tanque decorativo já que dele não se encontrou qualquer traço. O amplo espaço permitiu, certamente, a plantação de árvores de grande porte construindo um ambiente fresco que sugeria a meditação e contemplação da verde paisagem que emoldurava e emoldura ainda hoje toda esta vertente da cidade romana.

#### *Outras formas de ajardinamento*

Os jardins de Conimbriga correspondem, com excepção feita ao jardim da palestra das Termas Sul, a ambientes privados inscritos numa tipologia de habitação muito específica: a *domus*. Estas, localizadas no caso de Conimbriga nas zonas “novas” da cidade, pertencem a um determinado estrato da população. Ao contrario do que se documentou em Pompeia, o jardim de Conimbriga



surge sempre, apenas, num contexto de opulência, mesmo considerando a Casa da Cruz Suástica, ou a Casa de Tancinus exemplos mais modestos desta arquitectura privada. Mas existirá um registo de possíveis jardins nos bairros mais “populares” da cidade? Na ínsula imediatamente a Oeste do forum, a Casa de Valerius Daphinus apresenta um pequeno pátio porticado, com o pavimento central revestido a *opus signinum*, no terreno não se reconhece nenhum vestígio de canteiro ou arranjo específico para jardim. O mesmo poderemos dizer de outros exemplos de casas, de marcado cariz popular, como a Casa do Medianum Absidado, situada na mesma ínsula, cujo pequeno pátio porticado, formava uma estrutura central, duplamente absidada revestida a *opus signinum*, mais um exemplo de um pátio, com um possível tanque de recolha de águas pluviais mas sem marcas de espaços específicos para criação de jardins. Na ínsula do Vaso Fállico, zona da cidade ocupada por um amplo número de construções “industriais” e comerciais, uma das casas, apresenta um pequeno pátio, pavimentado a *opus signium* e associado a uma conduta. Mais a Sul, na ínsula a Norte das Termas, uma outra casa com pátio porticado ocupado por um tanque, também este associado a uma canalização de escoamento. A tipologia destes últimos pátios, susceptíveis de serem pequenos *viridaria* populares, apresentam-se sim, como espaços ao céu aberto que permitem a ventilação das casas, funcionando como poços de luz e também como locais de recolha de água pluvial para utilização doméstica. Todavia isso não impediria que nestas áreas porticadas existissem vasos com flores ou com plantas de pequeno porte, mas esse é um registo que os dados disponíveis não nos permite verificar, confirmamos, apenas, que em todo o espólio cerâmico de Conimbriga, publicado, não foram identificados *ollae perforatae* (ou vasos *fitili*).

## Jardins e gestão hidráulica

### *O aqueduto e a irrigação dos jardins*

Uma outra característica dos *viridaria* de Conimbriga é a existência de jogos de água, formados por repuxos. Alguns de grande complexidade, como o existente no peristilo da Casa dos Repuxos, outros de maior simplicidade, como os presentes na Casa da Cruz Suástica, constituem marca e símbolo da popularidade deste tipo de utilização ceno-

gráfica da água. Este uso alargado da água implicava a sua existência e disponibilidade em grandes quantidades, canalizada em redes de distribuição suficientemente complexas e estruturadas que viabilizassem o controlo da distribuição e a continuidade da adução, bem como, sistemas de manutenção da pressão, exigências que apenas um aqueduto poderia garantir. Em Conimbriga conhece-se apenas um aqueduto. Alimentado por uma fonte, também ela monumentalizada, situada a cerca de 3 km da cidade, na actual povoação de Alcabideque, faz grande parte do seu percurso numa conduta subterrânea. É só a escassos 1,4 km da cidade que se transforma num aqueduto de superfície, com o *specus* suportado por um muro, por sua vez substituído por arcos à chegada na cidade, vencendo o vale a Norte. O aqueduto culmina numa torre de distribuição, interpretada como *castellum aquae*, abastecendo directamente as Termas Sul, situadas no extremo meridional do planalto. No seu percurso urbano, volta a ser subterrâneo, pelo menos durante a fase pré-claudiana, ou seja, durante a sua primeira fase de funcionamento. Este equipamento é construído ao mesmo tempo que a fase “augustana” das Termas Sul, já que estas serão, pelo menos numa primeira fase, o seu principal e talvez exclusivo objecto de abastecimento.

A utilização deste aqueduto parece acompanhar a vida da cidade e o registo permite confirmar o seu funcionamento até meados do séc. IV, sendo uma das obras públicas que as muralhas baixo imperiais respeitaram, viabilizando a sua utilização após a construção deste recinto.

A publicação (Alarcão, Etienne 1977) e análise desta importante estrutura hidráulica dão-nos os valores aproximados da sua capacidade diária de abastecimento: para a época de agosto seria de 18 750 m<sup>3</sup>; para o período claudiano, há uma diminuição da capacidade, resultante da progressiva deposição de calcário no *specus*, que diminuiu o valor para 12 413 m<sup>3</sup>; e por fim, no séc. III/IV dC, assiste-se a uma redução do caudal de aproximadamente 55%, provocada por um aumento das concreções calcárias, diminuindo significativamente o seu caudal diário até os 5 700 m<sup>3</sup> por dia. Confrontando estes valores com a volumetria dos quinze tanques inventariados nas *domus* de Conimbriga, e como se pode verificar através do **Quadro 1**, que é de 253,55 m<sup>3</sup>, apercebemo-nos como o abastecimento das fontes não esteve comprometido nos quatro séculos de funcionamento do aqueduto, apesar de, a estes dados devermos



Quadro 1

Quadro com a cubagem e área dos espelhos de águas dos tanques dos jardins das *domus* de Conimbriga.

Designação	N.º	Área do E. A. (m <sup>2</sup> )	Volume (m <sup>3</sup> )	Total (m <sup>3</sup> )
<i>Casa dos Repuxos</i>	13	13,57	2,93	
	14	0,38	0,05	
	15	91,94	26,20	
	16	13,76	?	
	17	73,44	86,29	115,47
<i>Casa de Cantaber</i>	5	27,00	13,59	
	6	7,25	2,63	
	7	49,57	29,49	
	8	22,30	10,31	
	9	5,84	2,51	
	10	15,11	16,73	
	11	63,53	31,92	107,18
<i>Casa de Tancinus</i>	12	7,7	4,77	4,77
<i>Casa da Cruz</i>	20	41,33	23,35	23,35
<i>Suástica</i>				
<i>Casa dos</i> <i>Esqueletos</i>	18	14,36	2,78	2,78
<b>Total</b>		<b>447,08</b>	<b>253,55</b>	<b>253,55</b>

acrescentar o importante consumo representado pelas Termas Sul, que era aproximadamente de 280,10 m<sup>3</sup>.

Claramente nesta análise não contabilizamos dados tão importantes como os consumos representados pelas Termas da Muralha (durante o seu funcionamento), as Termas do Aqueduto, as Termas da Casa de Cantaber e dos dois fontanários situados no limite externo do forum, mas em contrapartida, os valores de consumo diário não podem ser interpretados de forma linear. Nem a *natatio* das Termas Sul teria uma renovação constante da sua água, nem algumas destas fontes estariam a funcionar 24 horas, (apesar de ainda não termos localizado torneiras associadas à adução de água aos espelhos de água e fontes dos jardins de Conimbriga). Considerando o valor apresentado por Robert Etienne e Jorge Alarcão (Alarcão, Etienne 1977) para a época claudiana, verificamos como os jardins das *domus* de Conimbriga representavam um consumo de 2,04 % do caudal diário e quando comparado com o caudal do aqueduto calculado, para os alvares do séc. IV, então referimo-nos a

uma percentagem não superior aos 4,45 % do caudal diário.

Considerando os 0,39741447m<sup>3</sup>/segundo de caudal médio da fonte de Alcabideque<sup>14</sup>, e comparando-os aos valores calculados para o aqueduto de Conimbriga<sup>15</sup>, constatamos que estes últimos são manifestamente inferiores aos registados na nascente, viabilizando um abastecimento “permanente” da cidade de Conimbriga. Todavia, no quadro de registo de caudal da fonte, registamos como ao longo de 21 anos, e num universo de 152 medições existem 57 momentos em que o caudal da fonte é inferior ao caudal máximo do aqueduto, isto é, aos 0,217 m<sup>3</sup>/segundo de época augustana. Estes resultados demonstram claramente a existência de momentos em que o abastecimento que a fonte viabilizava poderia não ser suficiente para uma distribuição otimizada, ainda que tais situações fossem provavelmente apenas esporádicas numa situação quase generalizada de fornecimento abundante.

A volumetria transportada pelo aqueduto de Conimbriga no momento da sua construção é comparável aos 17 280 m<sup>3</sup> do aqueduto de Cartago;



**Quadro 2**  
Plantas dos Jardins de Conimbriga. A evidência artística da época

		Ocorrência			Obs.	Bibliografia
		1	2	3		
Acanto	<i>Acanthus mollis</i>	X	X	X		Pessoa et al. 1999, Alarcão et al. 1994, Correia et al. 2003
Açucena	<i>Lilium candidum</i>			X		Pessoa et al. 1999
Buxo	<i>Buxum sempervirens</i>		X			Alarcão et al. 1994
Cardo do coalho	<i>Cynara cardunculus</i>			X	c)	Pessoa et al. 1999
Carvalho	<i>Quercus sp.</i>			X	a)	Santiago da Guarda
Crisântemo	<i>Chrysantemum carinatum</i>		X	X		Pessoa et al. 1999
Figueira	<i>Ficus carica</i>			X	a)	Pessoa et al. 1999
Goiveiro	<i>Mathiolla incana</i>			X		Pessoa et al. 1999
Hera	<i>Hedera helix</i>			X	b)	Pessoa et al. 1999, Correia et al. 2003
Lírio roxo	<i>Íris germanica</i>			X		Pessoa et al. 1999
Lodão	<i>Celtis australis</i>	X			a)	Correia et al. 2003
Loureiro	<i>Laurus nobilis</i>	X	X		b)	Alarcão et al. 1994, Correia et al. 2003
Nenúfar	<i>Nymphaea var.</i>	X				Correia et al. 2003
Oliveira	<i>Olea europaea</i>			X	a)	Pessoa et al. 1999
Palmeira	<i>Phoenix dactylifera</i>	X			a)	Correia et al. 2003
Pereira	<i>Pirus communis</i>			X	a)	Pessoa et al. 1999
Salgueiro	<i>Salix alba</i>	X			a), b)	Correia et al. 2003
Silva macha	<i>Rosa canina</i>		X	X	b)	Pessoa et al. 1999, Alarcão et al. 1994
Trep. das balsas	<i>Calystigia sepium</i>			X		Pessoa et al. 1999
Trevo	<i>Trifolium repens</i>	X			c)	Correia et al. 2003
Trigo	<i>Triticum sp.</i>			X	c)	Pessoa et al. 1999
Videira	<i>Vitis vinifera</i>			X		Pessoa et al. 1999

será o aqueduto de Conimbriga o equipamento a permitir a manifesta expansão de uma expressão arquitectónica, símbolo máximo da cultura romana na cidade.

### Os plantios

Não há de facto, qualquer evidência arqueológica das espécies botânicas associadas aos jardins de Conimbriga que conhecemos.

Podemos apenas dizer que a localização geográfica

de Conimbriga e as suas características climatológicas, associadas à abundante disponibilidade de água dada pelo aqueduto, permitiria aos horticultores e jardineiros uma amplíssima liberdade. Mais não podemos, no actual estado da investigação, que proceder à abordagem clássica de procurar na iconografia as espécies certamente conhecidas, que serão sem dúvida apenas uma fracção do conjunto das utilizadas. Alargamos todavia, a nossa pesquisa a algumas *villae* do território da cidade. Apresentamos os resultados dessa pesquisa no **Quadro 2**.



## Conclusão

Os jardins de Conimbriga representam a difusão na esfera doméstica de uma ideologia, plasmada numa corrente arquitectónica, ligada ao centro do Império. Com efeito, é na arquitectura áulica do Palatino que encontramos a inspiração para os jardins dentro de tanques, inspiração que vem também a dar origem a arquitecturas cenográficas como a do Teatro Marítimo ou o *Serapeum* da *Villa Adriana* em Tivoli (Alarcão, Etienne 1986).

Estes elementos ideológicos sobrevivem graças a um feito técnico muito significativo: a adução e gestão de água, levada a cabo ao longo de todo o período alto-imperial, num esforço que conduz a engenharia de base, à construção privada e certamente que também à vida quotidiana dos habitantes.

Os jardins e a gestão hidráulica em Conimbriga falam, em suma, dos modos pelos quais se fez a romanização do povoado lusitano e da vida dos seus habitantes.

## Notas

<sup>1</sup> A cubagem deste tanque e de todos aqueles que permitiram este cálculo refere-se à capacidade real de água que o tanque permitia, excluindo todas as áreas formadas pelos canteiros, não traduzindo a área total do tanque; nos casos em que se documentou a existência de um "ladrão" este foi considerado como topo da linha de água.

<sup>2</sup> N.º inv.16 (Oleiro 1992: 141).

<sup>3</sup> N.º inv. A 467 (Alarcão, Ponte 1994: n. 479).

<sup>4</sup> N.º inv. A 344 (Alarcão, Ponte 1994).

<sup>5</sup> Apesar de excessiva, a utilização da designação *stagnum*, parece-nos necessária para distinguir os tanques e piscinas de um tanque de função decorativa, ou seja o *stagnum*.

<sup>6</sup> São duas Haltern 70 e uma Dressel 20. As Haltern 70 aparecem significativamente entre os materiais das Termas Sul, em níveis trajânicos, porém as Dressel 20, não devem ultrapassar o terceiro quartel do séc.I dC.

<sup>7</sup> Durante a limpeza e registo gráfico realizado nas campanhas luso-francesa, na década de sessenta, já só se conservava o negativo do grande cano de chumbo que saía de um dos tanques do *castellum aquae*.

<sup>8</sup> N.º Inv. 532 (Alarcão, Ponte 1994).

<sup>9</sup> Utilizamos a designação contemporânea de águas brancas, para designar águas reutilizadas mas com baixa poluição e águas negras, águas de elevada poluição e não reutilizáveis sem tratamento mecânico.

<sup>10</sup> Assim denominada por uma epígrafe dedicada a Jupiter por Tancinus, localizada nos anos 90 como material reutilizado na construção tardia antiga que ocupou esta antiga *domus*. Esta área foi escavada em 1963 sob direcção de Isabel Pereira.

<sup>11</sup> Actualmente encontra-se em curso um estudo de todo este sector sob direcção científica do Prof. Doutor Jorge Quiroga, da Un. Autónoma de Madrid e do Museu Monográfico de Conimbriga, intitulado "De la Domus Tanginus a la Domus Ecclesia, Evolución y transformación de

un barrio residencial intramuros de la ciudad de Conimbriga" (BASPALCRIS), aprovado no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos do Instituto Português de Arqueologia (proc.º 2004/1(120)).

<sup>12</sup> Assim denominada durante as escavações antigas, devido a um conjunto de enterramentos identificados no seu interior.

<sup>13</sup> Utilizamos a palavra *xystus* como designação dos jardins associados às palestras e ginásios, e não exclusivamente como pórtico do ginásio. O seu significado não é consensual, ver: Ginouvès 1992: 129 e 166; Grimal 1984: 260 – 261; Yegül 1992: 448 e Vitruvius (V, 11). Inge Nielsen associa o *xystus* ao *ambulatium*, mas sublinha a íntima relação entre este tipo de espaço e as termas imperiais (Nielsen 1990: 164-165).

<sup>14</sup> Valor que corresponde à média dos registos de caudal realizados entre 1984 e 2005.

<sup>15</sup> No período augustano, momento de construção do aqueduto, este apresentava um caudal médio de 0,217 m³/segundo, em época claudiana de 0,14367 m³/segundo e durante o séc. III/IV não mais do que 0,06597 m³/segundo.

## Bibliografia

- Alarcão, Correias 1992:** A. Alarcão, V.H. Correias - *Os materiais e o edifício*, in *Conimbriga, Casa dos Repuxos. Corpus dos mosaicos romanos de Portugal*, Conimbriga, IPM, p. 143-158.
- Alarcão, Etienne 1977:** J. Alarcão, R. Etienne - *Fouilles de Conimbriga. L'Architecture*, vol. I, Paris, Ed. De Boccard, 1977.
- Alarcão, Etienne 1981:** J. Alarcão, R. Etienne - *Les jardins à Conimbriga (Portugal)*, in *Ancient Roman Gardens, Seventh Dumbarton Oaks Colloquium on the History of Landscape Architecture*, 1981, p. 69-80.
- Alarcão, Etienne 1986:** J. Alarcão, R. Etienne - *Archéologie et idéologie impériale à Conimbriga (Portugal)*, in *Comptes Rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, Paris, De Boccard, 1986, p. 120-132.
- Alarcão, Ponte 1994:** A. Alarcão, S. Ponte (2ª) - *Coleções do Museu Monográfico de Conimbriga*, Lisboa, IPM, 1994.
- Beyen 1960:** H. G. Beyen - *Die pompejanische Wanddekoration vom 2. bis zum 4. Stil*, I – II, L'Aia, 1960.
- Broise, Jolivet 1998:** H. Broise, V. Jolivet - *Il giardino e l'acqua: l'esempio degli horti Luculliani*, in *Horti Romani*, Roma, L'Erma di Bretschneider, 1998, p. 189-202.
- Correia 2001:** V. H. Correia - *Conimbriga, Casa atribuída a Cantaber. Trabalhos Arqueológicos 1995 – 1998*, in *Conimbriga*, 40, 2001, p. 83-140.
- Correia, Ribeiro 2003:** V. H. Correia, J. D. Ribeiro - *Mosaicos de Conimbriga*, Coimbra, Mediaprimer (CD-Rom), 2003.



- Etienne 1960:** R. Etienne - *Le quartier nord-est de Volubilis*, Paris, Ed. De Boccard, 1960.
- Etienne 1990:** R. Etienne - *À propos d'une inscription retrouvée de Conimbriga*, in *Conimbriga*, 29, 1990, p. 129-136.
- Etienne et al. 1976:** R. Etienne, G. Fabre, P. Lévêque - *Fouilles de Conimbriga. Épigraphie et sculpture*, vol. II, Paris, Ed. De Boccard, 1976.
- Garcia 1987:** J. M. Garcia - *Da epigrafia votiva de Conimbriga – observações e novos monumentos*, in *Conimbriga*, 26, 1987, p. 39-59.
- Grimal 1984:** P. Grimal - *Les jardins romains*, Paris, Ed. Fayard, 1984.
- Jashemski 1979:** W. F. Jashemski - *The gardens of Pompeii, Herculaneum and the villas destroyed by Vesuvius*, New Rochelle, Caratzas, 1979.
- Jashemski 1993 :** W. F. Jashemski - *The gardens of Pompeii, Herculaneum and the villas destroyed by Vesuvius*, 2. *Appendices*, New Rochelle, 1993.
- Jashemski 1994:** W. F. Jashemski - *Roman gardens in Tunisia and the Vesuvian area*, in *La ciudad en el mundo romano*, Tarragona, CSIC, 1994, p. 239-244.
- Maciel, Coelho 1992:** M. J. Maciel, T. C. Coelho - *A basílica e o baptistério paleocristãos de Conimbriga*, in *III Reunió d'arqueologia Cristiana Hispànica*, Barcelona, 1992, p. 75-92.
- Nielsen 1990:** I. Nielsen - *Thermae et Balnea*, Aarhus, Aarhus University Press, 1990.
- Oleiro 1992:** J.M.B. Oleiro - *Conimbriga, Casa dos Repuxos. Corpus dos mosaicos romanos de Portugal*, Conimbriga, IPM, 1992.
- Pedroso 1992:** R. N. Pedroso - *As pinturas murais in situ*, in J.M.B. Oleiro - *Conimbriga, Casa dos Repuxos. Corpus dos mosaicos romanos de Portugal*, Conimbriga, IPM, 1992, p. 159-166.
- Pessoa, Mouga 1999:** M. Pessoa, T. Mouga - *Os motivos botânicos nos mosaicos da villa romana do Rabaçal*, in *Actas do IV CAP*, T. IV, 1999, p. 303-314.
- Ribeiro 2002:** A. Ribeiro - *Manifestações particulares de devoção: as ámulas de Conimbriga*, in *Religiões da Lusitânia, Loquuntur Saxã*, Lisboa, MNA, 2002, p. 193-200.
- Ricciardi, Scrinari 1996:** M. A. Ricciardi, V. S. M. Scrinari - *La civiltà dell'acqua in Ostia Antica*, Roma, Fratelli Palombi Editori, 1996.
- Schnapp 1997:** A. Schnapp (Ed.) - *Histoire de l'art. Préhistoire et antiquité*, Paris, Flammarion, 1997.
- Settis 2005:** S. Settis - *Le pareti ingannevoli. La villa di Livia e la pittura di giardino*, Milano, Ed. Electa, 2005.





CENTRO UNIVERSITARIO EUROPEO  
PER I BENI CULTURALI  
Ravello

STUDIO, TUTELA E FRUIZIONE DEI BENI CULTURALI

# THE ARCHAEOLOGY OF CROP FIELDS AND GARDENS

Proceedings of the 1st Conference  
on Crop Fields and Gardens Archaeology  
Barcelona (Spain), 1-3 June 2006

edited by

**Jean-Paul Morel**  
**Jordi Tresserras Juan and Juan Carlos Matamala**



EDIPUGLIA  
Bari 2006